

22^o Encontro de
Iniciação Científica
da UENF14^o Circuito de
Iniciação Científica
do IFFluminense10^a Jornada de
Iniciação Científica
da UFF

IX

Congresso
Fluminense de
Iniciação Científica e
Tecnológica

II

Congresso
Fluminense de
Pós-Graduação17^a Mostra de
Pós-Graduação
da UENF2^a Mostra de
Pós-Graduação
do IFFluminense2^a Mostra de
Pós-Graduação
da UFF

Ciência, tecnologia e inovação no Brasil: desafios e transformações

Medicalização e Psicose sob um olhar psicanalítico

Taline Wu Huiqing, Elaine da Silva Siqueira, Bruna Pinto Martins Brito

A medicalização é entendida, neste trabalho, como um “processo pelo qual problemas não médicos passam a ser definidos e tratados como problemas médicos, geralmente em termos de doença e transtornos” (Peter Conrad, 2007). Trata-se do processo de apropriação do modo de vida dos homens pela medicina. (LUZ, 1997). Considerando a expansão da medicalização em várias esferas da vida do sujeito, o presente trabalho tem como objetivo problematizar a relação entre o atual contexto técnico-científico inserido em uma sociedade que visa a objetividade e demanda de soluções imediatas e de pronta entrega para o sofrimento psíquico em casos de psicose. Para tal, lançamos mão do referencial teórico da psicanálise e de autores contemporâneos que se dedicam ao tema desta pesquisa. Sabemos que as medicações com efeitos instantâneos e as intervenções advindas da objetividade científica expandem-se para tratar o sofrimento psíquico sem olhar para a singularidade. Desse modo, a contemporaneidade é bombardeada pelas ciências objetivas e imediatas, das quais fortalecem a noção de especialista. Pode-se observar essa afirmação, ao excluir a subjetividade com o predomínio dos meios técnicos de lidar com o sofrimento, padronizando o sujeito em diagnósticos e manuais de “auxílio” nas classificações psiquiátricas, sob financiamento da indústria farmacêutica. O saber predominante está imerso em discursos supostamente irrevogáveis, no qual é atravessada por uma lógica positivista e cientificista com uma necessidade excessiva de padronização. O domínio do saber fica à mercê de dados estatísticos e por uma média que delimita o ser humano através de questionários e entrevistas quantitativas. Se esta lógica medicalizante impõe um saber como verdade, a clínica psicanalítica, por sua vez, aposta em um saber que inclui o sujeito nesta produção pela via da fala. A psicose, de acordo com a psicanálise, é uma forma de existência no mundo e as suas intervenções devem ser para além do apaziguamento da sua subjetividade com as “soluções químicas” e sim, com tratamento possível e, quando necessário, em conjunto com os antipsicóticos que vise sua autonomia, pela via da invenção. Conclui-se que não se trata de abdicar o tratamento farmacológico e sim, ao uso excessivo desse recurso e sobrepondo-a a clínica do sujeito.

Palavras-chave: Medicalização, Psicose, Psicanálise.